

Considerações sobre o conceito *aufheben* na filosofia de Hegel

*Lo que vieron mis ojos fué simultáneo:
lo que transcribiré, sucesivo, porque el lenguaje lo es.
Algo, sin embargo, recogeré.*

Jorge Luis Borges, *El Aleph*.

Em seu livro de introdução à filosofia, Arthur Danto alerta para o risco à filosofia das *introduções* e *manuals* virem a ser obras parecidas com aquela cujo propósito seria ensinar alguém a ler por si mesmo. Haveria nisso um paradoxo: se a pessoa não consegue ler, ela não conseguirá fazê-lo através desse texto; se ela consegue ler, o livro não cumprirá o seu principal objetivo. Alguém que não sabe ler pode identificar o que são livros, descrever quem está lendo, e talvez até mesmo perceber alguns signos alfabéticos, mas até aprender a ler não saberá o que significa ler, e a única forma de aprender a ler será lendo! *Mutatis mutandi*, alguém que não sabe o que é filosofia pode identificar livros de filosofia, perceber quem está filosofando, e quem sabe também mencionar alguns termos filosóficos, mas até aprender a filosofar não saberá o que é a filosofia, e para isso a única maneira de aprender é entrando nela mesma. “O único caminho que leva à filosofia é a filosofia mesma. Portanto, nenhum livro pode conduzir os leitores para a filosofia a não ser que seja um livro *de* filosofia, e não simplesmente um livro *sobre* filosofia.”¹ Em outras palavras, palavras hegelianas, devemos em filosofia sempre começar com a coisa mesma, ou seja, com os argumentos filosóficos, sem nos deter nas considerações exteriores, isto é, na explicação das intenções pessoais ou das circunstâncias históricas.²

¹ A. C. Danto, *Qué es filosofía*, Prólogo, p. 15-9.

² “Uma explicação, dessas que se costumam antepor a uma obra qualquer num Prefácio - seja sobre o fim que o autor nela se propôs, seja sobre as circunstâncias ou a relação que ele crê descobrir entre sua obra e outras, anteriores ou contemporâneas que tratem do mesmo assunto - , parece, no caso de um escrito filosófico, não somente supérflua, mas, em razão da matéria a ser tratada, até mesmo inconveniente e oposta à finalidade almejada. Com efeito, o que seria conveniente dizer da Filosofia num Prefácio e o modo como fazê-lo - por exemplo, um esboço histórico da tendência e do ponto de vista, do conteúdo universal e dos resultados, um tecido de afirmações e asserções dispersas acerca do que é verdadeiro - não pode ser considerado válido com relação ao gênero e modo com os quais deve ser exposta a verdade filosófica.” FE, *Prefácio*, HW 3, p. 11. “Em nenhuma outra ciência sente-se mais fortemente do que na ciência lógica que é preciso começar com a coisa mesma (von der Sache selbst), sem reflexões prévias.” CL, *Introdução*, HW 5, p. 35. No *Prefácio* da ECF (B), Hegel pondera que “não são poucas as ocasiões e as incitações que parecem exigir que eu me explique sobre a posição exterior de meu modo de filosofar relativamente aos empreendimentos plenos de espírito, ou dele desprovidos, da cultura de nossa época, o que não se pode fazer senão de uma maneira exotérica como em um prefácio” HW 8, p. 14. No final do *Prefácio* da FD conclui-se: “Enquanto prefácio, não há outro objetivo senão o de indicar de maneira exterior e subjetiva o ponto de vista do escrito que precede”, HW 7, p. 28.

Com base nessas considerações, tomemos o caso do *Dicionário Hegel* de M. Inwood.³ Ao longo de seus verbetes ele parece oscilar entre ser um livro *sobre* a filosofia de Hegel e *de* filosofia hegeliana. As entradas correspondem aos principais “termos técnicos” hegelianos, e cada uma delas divide-se basicamente em três partes: começa por uma análise etimológica do conceito, avança em uma consideração dos usos desse conceito ao longo da história da filosofia, e passa, então, ao seu sentido na filosofia hegeliana, por vezes indicando os diferentes significados possíveis ao longo da evolução do pensamento hegeliano. Aliás, essa é a mesma estratégia de apresentação do estudo inicial do Dicionário, *Hegel e sua linguagem*.⁴ Por um lado, tal distribuição do conteúdo permite coletar importantes informações para direcionar as consultas, seja aos dicionários lingüísticos, aos textos dos autores citados e, principalmente, aos textos do próprio Hegel. Por outro lado, se, como dizia Adorno, os textos hegelianos são como que filmes do pensamento, os verbetes do *Dicionário Hegel* parecem mais fotografias de seu pensar, pois fazem um recorte nesse movimento, apresentando os seus momentos constitutivos *à parte*, separadamente de seus contextos e de suas dinâmicas próprias.

Ora, quanto à *suprassunção* (*aufheben*), a consideração desse conceito segue aquela estrutura básica comum aos verbetes. Etimologicamente, destaca com pertinência os três principais sentidos do verbo: 1) levantar, sustentar, erguer; 2) anular, abolir, destruir, revogar, cancelar, suspender; 3) conservar, poupar, preservar. Historicamente, mostra de modo interessante o emprego de *aufheben* por Schiller na XXIV das *Cartas sobre a educação estética do homem*, quando esse autor chega perto de amalgamar os três sentidos do verbo, ao afirmar que a beleza combina os estados opostos do sentimento e do pensamento e, assim, “suprassume” a oposição. Hegelianamente, indica, em contextos diversos, a importância dos três sentidos mencionados para assim compor a sua significação própria na terminologia de Hegel. Contudo, ao mencionar os textos hegelianos que fazem “descrições explícitas” do sentido de *aufheben*, a passagem selecionada é um Adendo da *Enciclopédia das ciências filosóficas*, com isso obliterando a *Observação* direta de Hegel sobre esse conceito apresentada na *Ciência da lógica*.⁵ Além disso, *aufheben* é apresentado como

³ M. Inwood, *Dicionário Hegel*. Além dos verbetes do dicionário, incluem-se um Prefácio à edição brasileira, Prefácio, Sobre o uso do dicionário, Abreviações, Hegel e sua linguagem, Apresentando Hegel, Bibliografia, Índice de termos em língua estrangeira, Índice remissivo geral.

⁴ Id. ib. *Hegel e sua linguagem*, p. 17-30.

⁵ Além dos problemas de revisão, pelo menos na edição brasileira: na referência à Schiller, por três vezes a sigla EE envia ao *Entendimento e experiência* de Herder, quando deveria constar CEE, as *Cartas sobre a educação estética do homem*. Inwood, op. cit. verbete “suprassunção”, p. 302-4.

‘mais uma’ palavra com diversos sentidos em língua alemã, sobre a qual Hegel “também” teria feito atenção, assim destituindo-se toda a sua importância como expressão privilegiada do pensamento especulativo.⁶

Pode-se, no entanto, afirmar que o verbo *aufheben* é um dos conceitos mais importantes do “hegelianês”, do qual derivam o substantivo *Aufhebung* e o particípio substantivado *das Aufgehobene*. Nas traduções e nos comentários das obras de Hegel, tanto em português quanto em outras línguas, constata-se as dificuldades, e os desafios, da tarefa de verter e de interpretar tais termos.⁷ Na verdade, esse problema constitui um tópico bem conhecido da *Hegelforschung*, problema voltado aos modos de dar conta da polissemia daqueles termos técnicos centrais no vocabulário hegeliano, e que contém simultaneamente aspectos lingüísticos e filosóficos. Se eles são termos centrais é porque conduzem ao núcleo da dialética hegeliana, entendida essa como a auto-exposição do conteúdo em sua forma imanente.⁸ Para então compreender tal articulação entre um conteúdo e sua forma, entre uma matéria e seu modo de exposição, é preciso nomear o processo através de uma noção que esteja em coerência com esses predicados. Nesse sentido, Hegel retém os diferentes significados que possui *aufheben* em alemão para expressar essa idéia. Nessa direção, enquanto “termo técnico” do hegelianês, ele é compreendido a partir de seus sentidos na linguagem natural, e elaborado através de um tratamento filosófico específico. Isso é explicitamente tematizado pelo próprio autor em uma passagem da *Ciência da lógica*: a *Observação sobre a expressão aufheben*.⁹

De fato, *aufheben*, na língua alemã, é um verbo que expressa os sentidos de supressão, conservação e elevação. Segundo os *Dicionários Langenscheidt* das línguas alemã e francesa (1998) e alemã e portuguesa (1982), o verbo *aufheben* possui os sentidos de “**levantar**” (levantar algo ou levantar-se, apanhar algo do chão, levantar a mão ou os olhos, fazer a criança se levantar do chão; e também no sentido figurado de levantar o cerco, levantar-se da mesa, suspender uma sessão), “**suprimir**” (abolir, revogar uma lei, anular um contrato, desbloquear; *das eine hebt das andere nicht auf*,

⁶ “É de grande interesse para o pensamento especulativo que *aufheben* tenha sentidos opostos... Existem, diz ele [Hegel], muitas dessas palavras em alemão. Não menciona outras em suas considerações sobre *aufheben* (por exemplo, *ECF* I § 96 Adição), mas tem em mente palavras tais como *Person* (pessoa), “subjetividade” e *Begriff* (conceito), que está associado tanto aos primórdios de uma coisa quanto ao seu clímax”. Inwood, *op. cit.* p. 303

⁷ Cf. a longa e esclarecedora nota nº 7 de M. Müller, em sua trad. da Introdução da FD, p. 126-8.

⁸ Cf. D. Rosenfield, “É a aparência uma mera encenação?” (1985) in *Análise*, vol. 2, nº 1, esp. Parte 3, Uma espessura negativa, p. 139-145.

⁹ CL 1.1, “Anmerkung. Der Ausdruck: Aufheben”, HW 5, p. 113-5.

uma coisa não anula a outra; *sich (gegenseitig) aufheben*, anular-se reciprocamente) e “guardar” (conservar, colocar de lado, sinônimo de *aufbewahren*): *sie hebt alles auf*, ela guarda tudo; *sich (dat) etw bis zum Schluß aufheben*, guardar alguma coisa para o fim; e também no sentido figurativo em *gut, schlecht aufgehoben sein*, estar ou não estar em boas mãos; *bei ihr ist er gut aufgehoben*, com ela, ele está em boas mãos; *dein Geheimnis ist gut (sicher) bei mir aufgehoben*, contigo teu segredo está bem guardado.¹⁰

Hegel reconhece a potencialidade especulativa deste termo, a ponto de determiná-lo como um dos principais conceitos operadores da dialética especulativa. Uma primeira questão que então se coloca é de como reter estes seus três sentidos diferentes, simultaneamente visados no uso hegeliano, em uma tradução deste termo que aparentemente caracteriza uma especificidade exclusiva do vocabulário alemão.

Paulo Meneses, em suas versões da *Fenomenologia do espírito* e da *Enciclopédia das ciências filosóficas* traduz o verbo *aufheben* por *suprassumir* e o substantivo *Aufhebung* por *suprassunção*.¹¹ O emprego destes neologismos em língua portuguesa acompanha as traduções de Pierre-Jean Labarrière e Gwendoline Jarczyk da *Ciência da lógica* e da *Fenomenologia do espírito*, nas quais eles se valem também dos neologismos em língua francesa *sursumer* e *sursomption*.¹² Aliás, como Paulo Meneses esclarece em seu *Roteiro para ler a Fenomenologia do espírito*, esta proposta de tradução tem sua origem no artigo de Yvon Gauthier *Lógica hegeliana e formalização* (1967), tal como reconhece Labarrière em seu livro *Estruturas e movimento dialético na Fenomenologia do espírito de Hegel*, no qual assume esta opção.¹³

Por outro lado, Marcos Lutz Müller, em sua tradução comentada da *Filosofia do Direito*, opta por traduzir *aufheben* e *Aufhebung* por “suspender” e “suspensão”, e o particípio substantivado *das Aufgehobene* por “o suspenso”. Nessa direção, note-se que na primeira edição do livro de Ernst Bloch sobre a filosofia hegeliana, publicada originalmente em espanhol em função de seu exílio no México, a terceira parte intitula-se *La suspension*, tradução supostamente autorizada pelo próprio autor para *Aufhebung*.¹⁴

¹⁰ Cf. *Dicionários Langenscheidt* das línguas alemã e francesa (1998) e alemã e portuguesa (1982).

¹¹ FE, tradução de Paulo Meneses, com a colaboração de K.-H. Effen. ECF, tradução de P. Meneses com a colaboração de J. Machado.

¹² FE, trad. P.-J. Labarrière et G. Jarczyk; CL, trad. P.-J. Labarrière et G. Jarczyk.

¹³ P. Meneses, *Roteiro para ler a Fenomenologia do espírito*, p. 10. P.-J. Labarrière, *Structures et mouvement dialectique dans la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel*, p. 309.

¹⁴ E. Bloch, *Sujeto-Objeto, El pensamiento de Hegel* (1949), trad. da edição original por Wenceslao Rocas, aliás, tradutor também da FE em espanhol.

Independentemente de uma ou outra opção de tradução, o importante é dar conta da “alta voltagem semântica”, segundo a expressão de Augusto de Campos, deste conceito da filosofia hegeliana. Para tanto, é importante tecer um comentário linha por linha à Observação da *Ciência da lógica* sobre a expressão *aufheben*. Toma-se como base o texto alemão da *Wissenschaft der Logik* a partir da edição de E. Moldenhauer e K. M. Michel: G. W. F. Hegel, *Werke in zwanzig Bänden*.¹⁵ Esta edição, fundada na primeira *Werke* de 1832-1845, reproduz o texto da segunda edição da *Doutrina do ser*, concluída em 1831 e publicada em 1832, o que lhe faz ser consequentemente um dos últimos textos da lavra de Hegel. Quanto às traduções existentes da “grande Lógica”, conferiu-se a *Ciencia de la Lógica*, por Augusta e Rodolfo Mondolfo.¹⁶ Para uma comparação com a redação da primeira edição, conferimos a *Science de la logique*, primeiro tomo, primeiro livro, o Ser, edição de 1812, traduzida e anotada por P.-J. Labarrière e G. Jarczyk.¹⁷

Esta Observação da *Ciência da lógica* marca a passagem entre os dois primeiros capítulos, do “ser” (*Sein*) ao “ser-aí” (*Dasein*), caracterizando a primeira grande passagem especulativa da obra, presente na dialética do “ser” e do “nada”, doravante suprimida, conservada e elevada no conceito de “devir” (*Werden*), cuja unidade finalmente se determina no “ser-aí”. O estabelecimento e a compreensão deste processo é a condição lógica para o progredir desta e das próximas determinidades presentes ao longo do texto. Assim, por exemplo, já na próxima categoria do “ser-aí”, suas determinidades de “finitude” e “infinitude” são suprimidas, conservadas e elevadas no “ser-para-si” (*Fürsichsein*, terceiro capítulo desta primeira seção, justamente dedicada à categoria da determinidade ou qualidade), e assim por diante.¹⁸

Aliás, enquanto esta Observação sobre a expressão *aufheben* marca o esclarecimento posto por Hegel na transição inaugural do primeiro para o segundo capítulo, por sua vez, na transição do segundo para o terceiro capítulo, as Observações serão postas sob a rubrica “a transição” (*der Übergang*). Este contraponto entre as duas séries de Observações nas passagens dos capítulos iniciais da *Ciência da lógica* caracteriza um esclarecimento sobre as estruturas lógicas (específicas para um momento da obra) e meta-lógicas (gerais para todo e qualquer desenvolvimento lógico) dos

¹⁵ CL 1.1, *Observação. A expressão: suspender*, HW 5, p. 113-5.

¹⁶ *Ciencia de la Lógica*, trad. A. e R. Mondolfo, 1ª parte, p. 138-9.

¹⁷ *Science de la Logique*, trad. P.-J. Labarrière et G. Jarczyk, p. 81-2.

¹⁸ “Podemos reparar que é nessa passagem que aparece pela primeira vez no discurso especulativo (no sentido estrito) o tema capital da *Aufheben*”. J. Biard et alii, *Introduction à la lecture de la Science de la Logique de Hegel*, vol. I, l’Être, p. 59.

modos de um progredir conceitual necessário para o desenvolvimento imanente do conteúdo.¹⁹ Nesse sentido, *aufheben* é um conceito que aparece nesse primeiro grande movimento da *Ciência da lógica*, mas que, ao mesmo tempo, se apresenta como categoria presente na estrutura de desenvolvimento de todo o processo lógico. Isso também acontece com o conceito de “transição”, que aponta para “o progredir infinito” (*der unendliche Progress*) presente no âmago do desenvolvimento lógico e para a idéia mesma de “idealismo” (*der Idealismus*), que acabou por vingar na caracterização como “idealismo alemão” do progredir da filosofia alemã entre Kant, Fichte, Schelling e Hegel, entendido como um processo de sucessivas suspensões filosóficas aqui efetuadas.

No primeiro parágrafo da Observação sobre o *Aufhebung*, o que está em questão é como representar conceitualmente o sentido do progredir lógico, ou seja, quais as condições para mostrar e para demonstrar o autodesenvolvimento do conteúdo em sua forma imanente. Reconhecendo a presença dos três sentidos do verbo *aufheben* na conceitualização da dialética do “ser” / “nada” / “devir” (*Sein / Nichts / Werden*) e sua passagem para o “ser-aí” (*Dasein*), Hegel afirma ser este um dos mais importantes conceitos da filosofia, uma determinação fundamental.²⁰ Afinal, no devir, o ser e o nada estão *suprimidos* enquanto ser e nada, enquanto duas entidades autônomas uma frente a outra; ao mesmo tempo, eles estão *conservados*, na medida em que o devir é justamente a alternância entre o ser que deixa de ser (torna-se *nada*) e o nada que deixa de ser nada para ser algo (vem a *ser*); e assim, concomitantemente, eles estão *elevados* na unidade do ser-aí que contém *em si*, em seu próprio conceito, esta dialética. Nesse sentido, o ser-aí marca a suspensão ou supressão (*Aufhebung*) desse movimento: ele é, nesse caso, o suspenso ou supressão (*das Aufgehobene*), isto é, a “supressão / conservação / elevação” do “ser / nada / devir”, em uma forma de expressão que tem tudo a ver com o conteúdo expresso.

¹⁹ “É preciso diferenciar a *ciência* da lógica do processo das determinações lógicas do pensar. Esse processo se faz como desenvolvimento específico. Sua ciência, entretanto, é um modo de efetividade do espírito, que muitas vezes se desenvolve com explicações digressivas e com a visão do todo. Nós precisamos de uma doutrina metódica para essas explicações, que podemos caracterizar como ‘meta-lógica’. Sobre seu importante papel podemos comparar a primeira e a segunda edições da *Lógica...*” D. Henrich, “Anfang und Methode der Logik”, in *Hegel im Context*, p. 93.

²⁰ Sobre a relação entre a dialética do ser, nada e devir em Hegel e o princípio primeiro da natureza como o fluxo constante segundo Heráclito, cf. J. McTaggart, *A commentary on Hegel's Logic*, p. 17-21. Em suas considerações sobre os inconvenientes da denominação “Becoming”, parece estar em jogo justamente sua resistência em aceitar o *devir* (e, por extensão, a *suspensão*) ao mesmo tempo como momentos específicos do desenvolvimento lógico e como estruturas lógicas comuns a todos desenvolvimentos lógicos. Cf. também do mesmo autor *Studies in the hegelian dialectic*, cap. III: The validity of the dialectic.

Porém, como na língua alemã o sentido da supressão é bastante forte, uma primeira preocupação do texto é atentar para a importância de não se isolar o sentido negativo como predominante. Assim, o que passa pela ação da *aufheben* não é uma simples negação, um nada. Na determinação do *aufheben* se apresenta todo um processo de mediação, não sendo, portanto, algo imediato como o nada (que, como é visto na dialética do ser e do nada, são as duas faces da imediatidade lógica primeira). Nesse sentido, o não-sendo do *aufheben* é um resultado do processo da mediação, não sendo um dado negativo imediato. Saído do ser e do nada, ele contém a determinidade de um e de outro em seu próprio conceito, isto é, em si.

No segundo parágrafo, uma vez estabelecido o sentido filosófico geral do *aufheben*, e como particularmente ele se apresenta em sua determinidade primeira na dialética do “ser/nada/devir”, resta precisar seu sentido lingüístico específico. Nesse sentido, uma primeira constatação dá conta que, na língua alemã, *aufheben* tem o sentido duplo de conservar e suprimir. Estas duas determinações da reflexão filosófica são, concomitantemente, dois significados imediatos e contrários de uma mesma palavra vernácula.

Hegel chama a atenção para o fato de que, em verdade, do ponto de vista filosófico, conservar já supõe algo negativo, na medida em que algo ao sair de sua imediatidade precisa se determinar. Ou seja, se imediatamente A é B, para que A continue sendo B no momento seguinte é preciso que ele não se torne C ou D, dentre possibilidades infinitas. Para não tornar-se C ou D é preciso negar esse C e esse D, como também negar E ou F, conservando-se como B. Por isso, a conservação exige a negação, na medida em que se recusa a abertura do ser-aí nas infinitas determinações exteriores possíveis. Por um lado, a relação entre negação e determinação remete à leitura de Hegel da filosofia de Spinoza. “A determinação é a negação posta como afirmativa, tal é a proposição de Spinoza: *omnis determinatio est negatio*. Essa proposição é de uma infinita importância... pois tem como sua consequência necessária a unidade da substância spinozista, ou seja, que a substância é uma”.²¹ Por outro lado, é possível fornecer aqui uma ilustração de um tal movimento essencialmente lógico, através de uma referência literária bastante conhecida. Na obra *O Leopardo*, Lampedusa narra o encontro de Tancredi com seu tio, dom Fabrizio, príncipe de Salina, no qual o

²¹ “Die Bestimmtheit ist die Negation als affirmativ gesetzt, ist der Satz des Spinoza: *Omnia determinatio est negatio*. Dieser Satz ist von unendlicher Wichtigkeit... Von diesem Satze, daß die Bestimmtheit Negation ist, ist die Einheit der Spinozistischen Substanz - oder daß nur eine Substanz ist - die notwendige Konsequenz”. CL 1.1, *Observação – realidade (Realität) e negação*, HW 5, p. 121.

sobrinho procura explicar seu apoio às tropas garibaldinas. Para tanto, vale-se de um argumento que joga com a vinculação entre a *negação* de uma realidade dada e a *conservação* de suas estruturas mais fundamentais: “se não estivermos lá também nós, eles acabam fazendo uma república. Se queremos que tudo fique como está, é preciso que tudo mude... Adeus, até breve. Voltarei com a bandeira tricolor”.²²

Do ponto de vista lingüístico, contudo, não deixa de ser surpreendente que uma língua possa chegar a usar uma única palavra para designar significados opostos. Se isso pode ser escandaloso para o entendimento, no entanto é um prazer para o pensamento especulativo. Nesse sentido, a língua alemã possui muitas destas palavras, tais como o substantivo *Vermögen* que possui tanto o significado objetivo da *riqueza* - como no caso da riqueza social ou familiar, quanto o significado subjetivo de *faculdade* - como apresentada pelas doutrinas das faculdades da alma.

Ora, em latim, também existe no verbo *tollo* um duplo sentido, de suprimir e levantar, mas não exatamente de conservar. Segundo o *Dicionário escolar latino-português* de Ernesto Faria, o verbo *tollo* possui o sentido próprio de levantar, elevar, erguer, e o sentido figurado de destruir, dar cabo de, suprimir, fazer desaparecer, abolir.²³ Nessa direção, o *Lexicon Totius Latinitatis* de Aegidio Forcenelli apresenta os termos equivalentes do primeiro sentido em italiano: *levare, alzare*; francês: *lever, élever*; espanhol: *alzar, elevar*; alemão: *heben, aufheben*; inglês: *to raise, lift or take up*. E, do segundo sentido, em italiano: *togliere, portare e levar via*; francês: *enlever, emporter*; espanhol: *quitar, llevar, hurtar*; alemão: *wegbringen, wegführen*; inglês: *to take away, remove*.²⁴ Destes dois sentidos opostos resultam as diferentes expressões “*tolle et lege*”, toma e lê (ouvida por Agostinho frente ao livro das epístolas de Paulo), e “*tollere legem*”, abolir uma lei, tal como registra o *Dicionário de expressões latinas usuais* de Roberto de Souza Neves.²⁵ Quanto ao chiste, ele é citado por Hegel de memória, e aparece em uma carta de Cícero a Brutus na qual recomenda que Otávio, então imperador augusto e seu inimigo, seja “*laudandum adulescentem, ornandum, tollendum*” - elogiado, distinguido, elevado / destruído.²⁶

²² T. di Lampedusa, *O Leopardo*, trad. J. A. Pinheiro Machado, p. 35.

²³ E. Faria, *Dicionário escolar latino-português*, 5ª ed., p. 1012.

²⁴ A. Forcenelli, *Lexicon Totius Latinitatis*, tomo IV, p. 743.

²⁵ R. de S. Neves, *Dicionário de expressões latinas usuais*.

²⁶ “Ipsum Caesarem nihil sane de te questum, nisi dictum quod diceret te dixisse ‘laudandum adulescentem, ornandum, tollendum’; se non esse commissurum ut tolli possit”. *M. Tulli Ciceronis Epistularum ad Familiares Liber Undecimus*, carta 20.

Na imbricação destes sentidos, algo é *aufgehobene* (suspendido, supprassumido) na medida em que é colocado na unidade de seus opostos, que assim aparecem nesta unidade como suprimidos, conservados e elevados. Tais opostos, quando vistos do ponto de vista posterior do que está suspendido, passam a se constituir como sendo seus momentos. Desta maneira, além dos sentidos destacados de conservar e suprimir, presentes, mesmo que opostos, de um modo imediato na determinação lingüística da língua alemã, a precisa consideração sobre o sentido latino do verbo *tollo* permite incluir dentre os sentidos visados por Hegel também o de elevação, o qual, afinal de contas, também está presente no vocábulo alemão.

O exemplo que Hegel aqui se vale para ilustrar seu ponto é tirado de sua filosofia da natureza, e na verdade não parece ter muito a ver com o assunto que está sendo tratado, soando como a uma veleidade de erudição. Porém, conferindo-se a recomendação do autor e passando-se ao § 261 da *Enciclopédia das ciências filosóficas*, em sua localização mesma na estrutura da obra torna-se visível a posição estratégica que ele ocupa, pois esse parágrafo encerra justamente o primeiro momento da primeira seção da filosofia natural (a mecânica), dedicado ao espaço e ao tempo. Tendo como ponto de referência a estética transcendental da *Crítica da razão pura* de Kant, o lugar e o movimento marcam *o devir* do espaço e do tempo tomados imediatamente como *duas* condições a priori de toda e qualquer experiência possível, pressupondo assim a categoria lógica anteriormente já determinada do *werden* e o conceito de *aufhebung* que ela engendra de modo completo nesse seu momento instituidor. “Este *perecer* e *reengendrar* do espaço no tempo e do tempo no espaço é de tal modo que o tempo se coloca espacialmente como lugar, mas que esta espacialidade indiferente seja posta de modo também imediatamente *temporal*, é o *movimento*. Este devir não é menos a ruína em si mesmo de sua contradição, a *unidade imediatamente idêntica, sendo*, do espaço e do tempo, a *matéria*”.²⁷ Ou seja, do ponto de vista da unidade posterior que eleva, conservando e negando os seus elementos constituintes, os quais estavam dispostos de modo disperso, estes elementos tornam-se os seus momentos, seja no caso do devir frente ao ser e ao nada; da matéria e do movimento frente ao espaço e ao tempo; ou do peso e da distância em uma alavanca.

²⁷ “Dies *Vergehen* und *Sichwiedererzeugen* des Raums in Zeit und der Zeit in Raum, daß die Zeit sich räumlich als Ort, aber diese gleichgültige Räumlichkeit ebenso unmittelbar *zeitlich* gesetzt wird, ist die *Bewegung*. - Dies Werden ist aber selbst ebenso sehr das in sich Zusammenfallen seines Widerspruchs, die *unmittelbar identische daseiende* Einheit beider, die *Materie*”. ECF (C) § 261, *O lugar e o movimento*, HW 9, p. 56.

A relação entre o filosofar e a linguagem ordinária transparece em Hegel quando ele trata do uso de expressões latinas para as determinações de reflexão. De uma maneira geral, segundo sua perspectiva, para filosofar não é necessária nenhuma linguagem particular. Contudo, afirma-se ser pertinente usar expressões latinas para as determinações de reflexão em dois casos: caso a língua materna não possua nenhuma expressão para elas, ou caso a tenha, a expressão natural envie mais a algo imediato, enquanto a expressão latina melhor conduza ao refletido. Como exemplo do primeiro caso, pode-se utilizar o próprio *tollendum esse Octavium* acima referido. Mesmo que se faça a tradução para o português, ou para o alemão, o torneamento alcançado por Cícero naquela fórmula latina, se valendo da ambigüidade do verbo *tollo*, dificilmente é alcançado, sem forçar o sentido na tradução ou enfraquecer o significado original. Mesmo que se saiba que *suspendere* possua os sentidos de suprimir e conservar, quando se diz “Otávio deve ser suspenso”, o *suspendere* como elevar, por derivação louvar, quase desaparece, parecendo mais que ele deve ser afastado, tirado, de suas funções atuais. Como exemplo do segundo caso, pode-se recorrer tanto às expressões latinas quanto a qualquer expressão em outra língua, cujo uso tenha se tornado bem encaixado para um determinado contexto. Nessa direção, por exemplo, quando se diz, em português, “é a nobreza que obriga”, pensamos imediatamente em obrigações de pessoas que fazem parte de círculos aristocráticos. Porém, quando se usa o sintagma francês “la noblesse oblige” como uma interjeição, alguém com algum conhecimento de francês compreenderá que se está a dizer que mesmo sem muita disposição para fazer algo, mesmo assim deve-se fazê-lo em função da posição ocupada ou do cargo exercido.

No terceiro parágrafo conclusivo deste texto, Hegel retoma o ponto em que parou no desenvolvimento da *Ciência da lógica*. Tecnicamente, valendo-se da tradução do *aufheben* como *suspendere*, reconhece-se que o ser e o nada estão suspensos no devir: o que é deixa de ser, o que não é vem a ser, e um (como algo) se vincula ao outro (como *seu* outro). Porém, na medida em que o devir conserva o ser e o nada, ainda que os suprima enquanto indiferentes um frente ao outro (em uma diversidade recíproca), o devir se eleva a uma unidade própria e não meramente relacional frente ao ser e frente ao nada. Esta unidade suspendida (*aufgehobene*) passa a ser chamada do “ser-aí”, como o devir que tem o ser e o nada como seus momentos agora determinados. Ser e nada deixam de ser “ser” e “nada” e passam a constituir uma mesma unidade, desaparecendo como determinações diversas. No devir eles eram nascer e perecer, o ser-aí é o nascer e o perecer por si próprio, prescindindo de um significado abstrato de um e de outro,

contando com eles como sendo os seus momentos concretos na suspensão (*Aufhebung*) de sua unidade. *Exit Werden, zweites Kapitel: das Dasein.*

Finalmente, sobre a relação entre o sentido filosófico e o lingüístico, subsistente nessa questão sobre a tradução de *aufheben*, isso caracteriza propriamente uma questão lógica, e assim remete ao projeto mesmo da *Ciência da lógica* de Hegel. A primeira preocupação de Hegel ao apresentar sua *Ciência da lógica*, como se apresenta no Prefácio da 1ª edição de 1812, é demarcar o lugar da Lógica no estado contemporâneo da investigação filosófica. Quanto à investigação filosófica à época, reconhece-se que a filosofia kantiana operara uma transformação paradigmática na Filosofia, conduzindo à própria consciência de si do espírito. Porém, a doutrina exotérica da filosofia kantiana conduziu em sentido contrário, ao fazer da experiência e da prática o critério do conhecimento, condenando o ponto de vista científico a renunciar ao pensamento metafísico, e assim provocando o desaparecimento da Metafísica do conjunto das ciências. Neste quadro, a Lógica, pela sua utilidade formal, ainda conservara o seu lugar entre as ciências. Mas, o “novo espírito” científico, surgido na ciência e na realidade efetiva, nela não tocou, pois a sua forma e o seu conteúdo continuaram os mesmos do “velho espírito”. A proposta hegeliana é a de atualizar aquilo que parecia ter alcançado o caminho seguro de uma ciência, aperfeiçoando a matéria da lógica ao obrigá-la a abandonar a perspectiva do formalismo ou das categorias transcendentais do entendimento. Herdeiro investidor do legado kantiano, Hegel tratará de efetuar uma crítica da lógica do entendimento, elevando a lógica enquanto tal ao mesmo patamar da metafísica e da filosofia especulativa. O ponto de vista hegeliano é o de que se trata de um conceito novo do procedimento científico, conduzido pela não separação absoluta entre forma e conteúdo, no qual somente a natureza do conteúdo pode ser o que se move no conhecimento científico, e a própria reflexão do conteúdo é que funda e cria as suas próprias determinações.

Para a consecução deste projeto será preciso atentar para as especificidades da razão e do entendimento na acepção hegeliana. O “entendimento” (*Verstand*) determina e mantém firmes as determinações por ele postas. A razão (*Vernunft*) é negativa e positiva: ela é negativa e dialética porque dissolve as determinações do entendimento, e positiva porque cria o universal ao conceitualizar o particular. Ora, a razão e o entendimento podem ser tidos como separados em suas funções, assim como a própria razão em suas funções dialética e positiva. Porém, na verdade, a razão é o *espírito*, ou seja, é a razão que entende e o entendimento que raciocina. O movimento do espírito é,

então, o desenvolvimento imanente do conceito, o que se processa em três etapas: 1) suprimir o simples, instaurando a diferença (determinação do entendimento, como, por exemplo, no determinar o singular pelo seu gênero próximo e a sua diferença específica); 2) suprimir a diferença (determinação da dialética, mostrando as identidades efetivas por sobre as diferenças abstratas); 3) conservar, elevando, o primeiro simples como universal concreto (no qual a diferença e a identidade do particular e do universal se encontram suspendidas). Este é o método absoluto do conhecimento e ao mesmo tempo a alma imanente do conteúdo mesmo. Tal é o movimento do *aufheben*, da *suspensão*, enquanto condição para a filosofia tornar-se uma ciência objetiva e demonstrativa.

Desta maneira é que já fora apresentada a consciência na *Fenomenologia do espírito*, onde a consciência é o espírito como conhecimento concreto circunscrito na exterioridade, ou seja, constituído a partir de uma tensão entre o sujeito e o objeto. Mas o movimento progressivo desse objeto e desse sujeito, assim como o desenvolvimento da vida (*Leben*) natural e espiritual, se funda na natureza interna das *puras essências*. Esse é o conteúdo da Lógica. Liberada de sua exterioridade, a consciência se torna puro conhecimento em sua interioridade conceitual, isto é, a consciência se dá como objeto as puras essências em si e para si. Em pensamentos puros, o espírito pensa a própria essência e o seu próprio movimento, a sua vida (*Leben*) espiritual, cuja exposição é feita pela *Ciência da lógica*. Do ponto de vista da arquitetura do sistema hegeliano, em 1812, o sistema da ciência tem como primeira parte a *Fenomenologia do espírito*, como segunda parte a *Lógica* e como terceira parte as ciências reais da filosofia, a filosofia da natureza e do espírito. Tal disposição sofre alteração com a publicação, em 1817, da primeira edição da *Enciclopédia das ciências filosóficas*, a qual estabelece a versão definitiva do sistema, começando pela interioridade da lógica, passando às suas exteriorizações na natureza, e em seu reencontro consigo mesma no espírito.

Ainda uma palavra sobre essa posição inicial da lógica no sistema final: no último texto escrito por Hegel, o *Prefácio à segunda edição* da Doutrina do Ser da *Ciência da lógica* (assinado em 07 de novembro de 1831, morrendo o autor precisamente uma semana depois), ele começa chamando a atenção que para expor o reino do pensamento de uma maneira filosófica, ou seja, em sua própria estrutura imanente, ou ainda, em seu desenvolvimento necessário, é preciso desde o início empregar um novo procedimento. Isto reflete exatamente o mesmo ponto de vista inicial de 1812, isto é, a exigência de uma nova concepção de lógica que ultrapasse a separação

entre forma e conteúdo. Porém, em 1831, este novo procedimento é visto como partindo das formas conhecidas do pensamento, tal como expostas e consignadas na linguagem ordinária do homem. A linguagem é que faz a conversão do exterior para o interior, a apropriação dos objetos pelas representações. Para tanto, na linguagem está sempre escondida, mesclada ou elaborada, uma categoria.

Este elemento lógico, presente nas categorias da linguagem que expressam o pensamento, é próprio da natureza do homem. Ele se coloca além do físico e do espiritual, penetrando em toda relação ou atividade natural do homem, em seu sentir, considerar, desejar, necessitar, bem como em suas pulsões. Em outras palavras, como bem determinado em suas obras anteriores, nega-se uma doutrina de faculdades independentes da alma, uma vez que todas essas diferentes faculdades são unificadas pelo elemento lógico. “Para o entendimento, a dificuldade consiste em libertar-se da separação, entre as faculdades da alma, uma vez que ela foi feita arbitrariamente: [entre] o sentimento e o espírito pensante; e em chegar à representação de que no homem só há uma razão, no sentimento, no querer e no pensar”.²⁸ Porém, agora, para uma “Ciência da lógica”, adquire maior relevância a linguagem, ou seja, o pensamento e as suas categorias lógicas. A linguagem possui expressões lógicas, particulares e diferenciadas, para expressar as determinações do pensamento, tais como as preposições e os artigos, mas principalmente os substantivos e os verbos como formas objetivas destas determinações do pensamento.

Neste sentido, evidencia-se, segundo Hegel, uma peculiaridade da língua alemã, a saber, o fato que muitas palavras em alemão têm a propriedade de prestar-se a diferentes significados, e até mesmo a significados opostos. Se, de uma maneira geral, as formas do pensamento estão consignadas na linguagem, então, na língua alemã é que naturalmente se reconhece o modo especulativo de pensamento. “É uma alegria para o pensamento encontrar-se com tais palavras e ver-se em presença da união dos contrários contida de maneira ingênua e segundo o léxico em uma só palavra de significados opostos, cuja união é um resultado da especulação apesar de ser contraditória para o entendimento”.²⁹ A valorização desse traço de *sua* língua materna implica em ressaltar a importância dos *modos* que possibilitem ao sujeito o refletir sobre o significado da

²⁸ “Die Schwierigkeit besteht für den Verstand darin, sich von der Trennung, die er sich einmal zwischen den Seelenvermögen, dem Gefühle, dem denkenden Geiste willkürlich gemacht hat, loszumachen und zu der Vorstellung zu kommen, daß im Menschen nur *eine* Vernunft im Gefühl, Wollen und Denken ist”. ECF (C) § 471 Obs., *o sentimento prático*, HW 10, p. 290.

²⁹ CL, *Prefácio à 2ª ed*, HW 5, p. 20-1; cf. nesse trabalho p. 20.

linguagem ela mesma, e de suas propriedades lógicas. Ou seja, Hegel parece aqui estar dando o seu exemplo de encontro da universalidade específica da linguagem (especulativamente vinculada ao pensamento e ao ser) com a particularidade das línguas (possuidoras de diferentes especificidades).

Isso não implica na substituição do trabalho filosófico pelo trabalho filológico, mas há o reconhecimento de elementos que facilitam ou dificultam o conhecimento especulativo, os quais podem ser ressaltados através de um exame das línguas e da linguagem. O que é conhecido e praticado por todos pode assim elevar-se ao reconhecimento de sua verdade. Tampouco isso significa que para Hegel somente seja possível filosofar em alemão. Pelo contrário, segundo o filósofo, para a reflexão filosófica não é necessário nenhuma linguagem especial, pois, em princípio, todas as línguas naturais são suficientes para dar conta da exposição do conteúdo por ele mesmo. Em verdade, cada língua possui propriedades filosóficas, regras e termos que conduzem *o pensamento* a refletir sobre si mesmo, como a língua portuguesa, por exemplo, na qual bem podemos explorar filosoficamente a diferença entre “ser” e “estar”, ausente no inglês, no francês e no alemão - que talvez traduzisse essa diferença nos termos de: *Sein und Zeit*. O mais importante é valorizar o universal dentro de seu particular, assim como o fizeram James Joyce e Guimarães Rosa. Neste viés é possível compreender o que é o espírito lógico ao raciocinar tanto sobre os sentidos dos verbos *aufheben* em língua alemã quanto *suspender* ou *suprassumir* em língua portuguesa.

José P. Pertille
UFRGS